



## **“Voz da Quadra”: a experiência do jornal comunitário no conjunto habitacional São Vicente de Paulo (Quadra)<sup>1</sup>**

Milena de Castro Ribeiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência de criação e desenvolvimento de um jornal comunitário no conjunto habitacional São Vicente de Paulo (Quadra), durante a disciplina de Jornalismo Comunitário da UFC. Durante 4 meses, duas acadêmicas de jornalismo ministraram uma oficina para jovens da comunidade. Em seguida, a primeira edição do jornal comunitário “Voz da Quadra” foi lançada. Após 2 anos, o jornal continua sendo realizado pelos jovens da Quadra, com o auxílio de outros estudantes da universidade.

### **Palavras-chave**

Jornalismo comunitário; projeto de comunicação; comunidade; cidadania.

### **Introdução**

O jornal comunitário “Voz da Quadra” surgiu com a proposta de desenvolver um projeto de comunicação, durante o quarto semestre do curso de Comunicação Social da UFC, na disciplina de Jornalismo Comunitário, ministrada pela professora Márcia Vidal Nunes.

O projeto deveria ser desenvolvido em uma comunidade, com o objetivo de, através de oficinas ministradas pelos estudantes, os moradores da própria comunidade se tornassem aptos para realizar algum tipo de ação comunicativa no local.

Para tanto, fomos auxiliados na disciplina sobre questões relacionadas à mobilização, organização de oficinas, realização de dinâmicas, além do conteúdo relacionado ao jornalismo comunitário.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de graduação do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: milenajornalismo@yahoo.com.br



A comunidade escolhida por mim para realização do projeto foi o Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, conhecido como Quadra<sup>3</sup>. O conjunto fica localizada no bairro da Aldeota, em Fortaleza, capital do Ceará.

### **Um breve histórico sobre a Quadra**

A comunidade da Quadra fica localizada no coração de um bairro nobre de Fortaleza, local valorizado pelo comércio e imobiliárias. Ocupando dois grandes quarteirões dessa área de destaque na cidade, pode-se dizer que a Quadra é uma verdadeira pedra no sapato dos habitantes do bairro.

As primeiras notícias que se têm da comunidade datam das décadas de 50 e 60, nessa época, conhecida como Favela Santa Cecília. Em depoimento ao Jornal “Voz da Quadra”<sup>4</sup>, moradores relataram que, quando eles chegaram na comunidade, por volta de 1975, as casas eram todas de papelão: “è quando chovia, a gente se acordava pra cobrir os meninos. Havia muita lama, muita pobreza, não havia nada”, disse D. Rita Ilza...” (Voz da Quadra, julho de 2006, p.04).

A comunidade só foi urbanizada no início dos anos 80<sup>5</sup>, passando a ser denominado conjunto habitacional São Vicente de Paula, no mesmo local da antiga favela. O período de urbanização durou menos de três anos. Em entrevista ao Jornal “Voz da Quadra”, uma antiga moradora relata o momento da entrega das chaves: “‘vocês estão morando num canto onde um palmo de terra vale um pote de ouro’, foram as palavras ditas por D. Luíza Távora, quando entregava as chaves das casas aos moradores” (Voz da Quadra, julho de 2006, p.05).

Alguns moradores venderam suas casas “atraídos pelo novo valor que passou a ter o solo daquele bairro” e, com o dinheiro, se mudaram para outras favelas. Tal processo ocorre além da valorização da terra, “pelo desemprego acentuado, como também pela perda de poder aquisitivo (...) e pressão exercida pelas grandes construtoras” (SILVA, 1992, p.53).

---

<sup>3</sup> O conjunto habitacional São Vicente de Paulo é delimitado pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite. A comunidade também é conhecida como “Quadra”, por estar localizada em um grande quadrado, formado por dois grandes quarteirões. Muitas vezes é associada ao nome “Santa Cecília”, por estar ao lado do Colégio Santa Cecília.

<sup>4</sup> Depoimento extraído da matéria “História da comunidade”, na 11ª edição do jornal “Voz da Quadra”, em julho de 2006, páginas 04 e 05.

<sup>5</sup> De acordo com o Relatório das atividades da Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza – Proafa, por meio de um dos seus moradores, a comunidade escreveu uma carta para a primeira-dama do Estado da época, no início da década de 80, D. Luíza Távora, solicitando a urbanização da favela.



De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. A estimativa da época era de que cerca de 3.000 pessoas viviam no conjunto. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimado pelos habitantes locais que existam mais de 5.000 moradores.

Hoje, a maioria das casas tem dois andares, com no máximo um terceiro andar, com sala, quarto, banheiro e cozinha. A Quadra é formada por uma maioria de moradores pobres, que dividem espaços pequenos com várias pessoas, devido ao aumento populacional e à impossibilidade de ampliação física do espaço.

Apesar de estar sofrendo um crescimento desordenado, através de lutas e mobilizações dos moradores, a comunidade conseguiu se organizar, definindo ruas, casas numeradas, e conquistando com a urbanização serviço de água e esgoto, além da creche e do posto de saúde. Hoje, com todos esses serviços, a Quadra deixou, então, de ser uma favela com casas de papelão e se tornou um conjunto habitacional no meio da Aldeota.

### **Essa Quadra fala: surge o jornal comunitário da Quadra**

Através do auxílio do professor Ronaldo Salgado, do curso de Jornalismo da universidade e morador do entorno da Quadra há bastante tempo, meu encontro com o então Líder Comunitário do conjunto foi marcado. Através do encontro, em 4 abril de 2005, imaginava que fosse possível formar um grupo de jovens para realizar durante o semestre uma oficina de radiojornalismo.

Sabia da existência de uma rádio comunitária no local, o que facilitava o desenvolvimento do projeto. Na visita a rádio, encontramos o primeiro obstáculo. A rádio estava com vários problemas estruturais, com equipamentos quebrados, poucas caixas de som.

O homem responsável por apresentar um dos programas que a rádio ainda transmitia nos mostrou as péssimas condições dos equipamentos e nos falou da impossibilidade de realizar um trabalho no local.

Além disso, ele também não se mostrou muito confiante com a ideia da oficina, e explicou que estava cansado de receber estudantes que chegavam para conhecer a comunidade, como visitantes em um zoológico, faziam seus trabalhos de faculdade e nunca mais retornavam, nem mesmo para mostrar o resultado das pesquisas.



Alba Zaluar faz uma reflexão sobre esses momentos em que os pesquisadores recebem a recusa de informações, e explica que esta é uma experiência desagradável e desanimadora, mas que leva os pesquisadores a refletir sobre os efeitos da pesquisa na população.

(...) a recusa de um homem em prestar informações com o argumento de que isso não lhe serviria para nada e de uma mulher que me perguntou despachada quantos sacos de feijão ganharia por isso, revelaram que também os pesquisadores se perguntam sobre o sentido desta troca que é a pesquisa (ZALUAR, 1994, p.14).

Esse episódio mostrou que apresentar a proposta do projeto de comunicação para a Quadra necessitava de alguns cuidados, pois a boa intenção poderia ser confundida como mais uma situação de exploração daquela comunidade para finalidades acadêmicas.

Fomos indicadas pelo líder para falar com uma garota que participava de um grupo de jovens da igreja. Através dela, foi possível reunir um grupo de adolescentes interessados em desenvolver um jornal comunitário<sup>6</sup> e marcar a nossa primeira aula da oficina.

A primeira reunião foi realizada no início do mês de maio de 2005, em um sábado pela manhã, com a participação de 8 jovens, com idades entre 13 e 16 anos. A minha colega de turma, Catarina Myrela, e eu explicamos a proposta do projeto. Hoje, imagino que, naquele momento, eles tiveram a mesma desconfiança que o locutor da rádio teve, mas, ao mesmo tempo, se mostraram confiantes no projeto.

Durante os meses de maio e junho, nos encontrávamos todas as quintas-feiras, na creche da Quadra. A rotina era a mesma, ia para a casa da nossa guia que nos conduzia até a creche, que fica localizada na área central da Quadra.

As oficinas serviram para familiarizar um pouco os jovens com o jornalismo. Levamos jornais, fizemos dinâmicas, estimulamos a escrita e pensamos com eles como seria produzido o jornal comunitário.

---

<sup>6</sup> Círculo Maria Krohling Peruzzo explica que o termo comunicação comunitária ou popular é utilizado dependendo do tipo de prática: "(...) a comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão *comunicação comunitária* para designar este mesmo tipo de comunicação e também outras expressões similares" (PERUZZO, 2006, p.02).



As oficinas auxiliaram a criação do jornal comunitário, como também integraram aspectos como a análise dos assuntos abordados pela mídia, a realidade do local, discussões sobre comunicação e cidadania.

Como explica Peruzzo, “esses projetos em geral envolvem adolescentes e jovens e assumem o misto de mídia comunitária e alternativa, numa dinâmica em que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da auto-estima e da cidadania juvenil em áreas carentes” (PERUZZO, 2006, p.05).

(...) pensar em comunicação comunitária é apelar para a presença dum aspecto dinâmico e reivindicatório. A idéia é, por exemplo, que os grupos, ao se constituírem e terem por vínculo questões de interesse comum – principalmente os que partilham o mesmo território, como no caso das comunidades de bairro -, possam ter um papel real e uma tarefa nada ilusória em relação ao poder decisório. Os indivíduos agrupados por interesse comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público” (PAIVA, 2003, p.56).

Entretanto, Paiva faz um contraponto no sentido em que não se deve fazer uma idealização do sistema comunitário, “supondo-o produtor de discursos sempre relativos ao cotidiano e a um projeto comum” (PAIVA, 2003, p.56).

A proposta em questão tinha como objetivo a criação de um jornal que teria circulação apenas na comunidade e trataria de assuntos relacionados ao local. A idéia seria um jornal produzido e escrito pelo grupo de jovens moradores da Quadra que participaram da capacitação.

Paiva explica que “o que permite conceituar um veículo como comunitário não é sua capacidade de prestação de serviço, e sim sua proposta social, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício da cidadania” (PAIVA, 2003, p.140).

Para Peruzzo, a comunicação comunitária se caracteriza por “processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania” (PERUZZO, 2006, p.09).

É nesse sentido de exercício da cidadania que o jornal “Voz da Quadra” se relaciona com a idéia de jornal comunitário, a partir do princípio de ser um veículo que tem por objetivo levar informações sobre a comunidade para os moradores do local.

O surgimento de veículos a partir dos grupos comunitários tem caráter basicamente local, de abordagem de temática relacionada ao particular, ao



que se interessa especificamente àquele grupo, e de conscientização de sua realidade. Existe, assim, a possibilidade de reforçar uma das facetas a que se refere a comunidade: a das relações de pertencimento entre seus membros, e conseqüentemente o poder reivindicatório, que se instala a partir da informação numa ótica programática, não com um propósito meramente promocional, mas de melhoria da condição de vida do indivíduo (PAIVA, 2003, p.56)

O nome escolhido para o jornal foi “Voz da Quadra”, as pautas foram discutidas e divididas. O primeiro número tratou sobre as eleições para o Centro Comunitário, com entrevista realizada pelos jovens com os candidatos, matérias sobre a coroação de Nossa Senhora e sobre futebol.

Chegou então a etapa de conseguir apoio para assegurar a publicação do jornal. Andamos em praticamente todos os grandes comércios do entorno da Quadra para conseguir apoio para o jornal.

A gráfica rápida garantiu 100 impressões e a diagramação do jornal, a emissora de rádio garantiu a revelação das fotos. E o jornal não precisava mais que isso para ser lançado.

### **O jornal “Voz da Quadra”**

Inicialmente, o jornal comunitário “Voz da Quadra” teve a ambição de ser quinzenal. Na primeira edição, foram distribuídos cerca de 200 a 250 exemplares. Vendo a impossibilidade de conseguir patrocínio para uma produção quinzenal, foi decidido então que o jornal seria publicado mensalmente.

Na segunda edição, o jornal já cresceu de tamanho, de uma folha A4, passou a ser impresso em 2 folhas A4, dobradas ao meio. Nessa época, o patrocínio da gráfica rápida, que dava 100 impressões e cedia um profissional para fazer a diagramação, e o apoio dos comerciantes locais já garantiam a publicação.

Desde 2005, o jornal consegue circular através do esforço dos jovens que, mesmo estudando, trabalhando e fazendo parte de outros grupos, produzem as matérias todos os meses.

E graças também aos comércios locais, que com o pagamento de uma taxa simbólica de R\$ 3, colaboram com o jornal, e outras duas empresas localizadas ao redor



da comunidade, a igreja e ajuda da Assembléia Legislativa, que também colaboram com as cópias do jornal.

As reuniões para definição de pautas e acompanhamento do andamento da produção do jornal continuam acontecendo semanalmente, na creche ou no salão do Centro Comunitário.

No mês de junho de 2007, os jovens estão produzindo a 17ª edição do jornal. Após dois anos de existência, podemos destacar como momentos marcantes do jornal as coberturas das eleições para liderança comunitária, a cobertura da gravação do *clip* do MV Bill na comunidade e entrevista com o *rapper*<sup>7</sup>, que garantiram uma ampla repercussão para o jornal.

Com quase dois anos de publicações, o jornal já está na internet e foi contemplado com o Edital das Artes 2006 da Prefeitura Municipal de Fortaleza<sup>8</sup>, possibilitando a compra de equipamentos e concretização de uma redação, com computador, máquina fotográfica e o financiamento para a impressão de um maior número de exemplares.

### **Considerações finais**

Com mais de 15 edições lançadas, juntamente com outros estudantes da UFC, nós continuamos a ministrar oficinas para os jovens da comunidade. Inicialmente, o projeto consistia em auxiliar os jovens na criação de um jornal comunitário, através de oficinas e de apoio na publicação da primeira edição.

Mas, o trabalho não terminou, pois percebemos que a oficina e a publicação de uma edição não foram suficientes para dar condições para que os jovens continuassem o projeto sozinhos. Eles conheceram parte do processo de produção do jornal comunitário, mas ainda era preciso esclarecer outros aspectos da produção do jornal, como a diagramação e publicação na internet, por isso, outras oficinas foram realizadas.

---

<sup>7</sup> Nessa ocasião, o jornal “Voz da Quadra” foi citado em matéria em um dos dois grandes jornais de Fortaleza, o jornal O Povo. A matéria tratava sobre a cobertura do “Voz da Quadra” na gravação do *clip* do *rapper* MV Bill. A iniciativa do jornal também já foi assunto de uma matéria na revista Farol (1ª edição) Outubro de 2006), de distribuição em Fortaleza. Com o título “Nanico, teimoso e bem-quisto”, a matéria falava sobre a realização do jornal por jovens da Quadra.

<sup>8</sup> O projeto do jornal “Voz da Quadra” foi contemplado na categoria de Literatura, no I Edital das Artes 2006, coordenado pela Prefeitura de Fortaleza, através da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza, Funcet. A premiação foi no valor de R\$4.900, para a compra de computador, máquina digital e pagamento de impressões na gráfica durante 6 meses.



Outros estudantes<sup>9</sup> da disciplina de Jornalismo Comunitário da UFC passaram a ministrar oficinas para os jovens que já integravam o jornal, com a formação do primeiro grupo capacitado. As oficinas serviram para trazer novos conhecimentos para esse grupo, como também possibilitou que outros jovens da comunidade interessados em participar do projeto fossem capacitados.

Paiva chama de *agente social*, “aquele que primeiramente é capaz de promover e potencializar a articulação comunitária, seja via instituições (desde prefeituras, órgãos municipais e organismos não-governamentais) ou por meio da evocação duma comunidade determinada” (PAIVA, 2003, p.143).

Mesmo o jornal sendo escrito por moradores da comunidade, o comunicador social deve estar preparado para trabalhar nesses ambientes de comunidade, se adaptando ao papel de *agente social*.

O que acontece atualmente, inclusive a partir das próprias faculdades de comunicação, é a tentativa, na maior parte das vezes fracassada – se analisarmos os cursos atuais -, de adequação ao mercado, como se este fosse o único e verdadeiro papel do jornalista na atualidade. Na verdade, ao contrário do que pode parecer, essa visão hegemônica minimiza a importância do jornalismo e restringe sua ação (PAIVA, 2003, p.142).

A decisão de continuar com a capacitação partiu da preocupação de fortalecer o grupo que produzia o jornal, para que o projeto não fosse interrompido como outros que já haviam sido realizados, mas que não prosseguiram após a saída dos universitários.

É provável que isso aconteça porque a maioria dos projetos realizados em comunidades é encerrada sem levar em conta se os participantes já apresentam autonomia suficiente para manter o projeto. Até parece que o que determina a estadia dos acadêmicos nas comunidades pobres, é o prazo determinado para apresentação dos projetos realizados.

Do que adianta o esforço de mobilizar um grupo de pessoas para realização de um projeto, se não são dadas as condições para que a iniciativa seja levada adiante?

Mais importante do que realizar um trabalho acadêmico a partir de uma realidade local e obter resultados com isso, é sentir como aqueles jovens se desenvolveram a partir do trabalho realizados por eles no jornal comunitário.

---

<sup>9</sup> Após a primeira oficina realizada no primeiro semestre de 2005, outros três grupos de estudantes já passaram pela Quadra para realizar oficinas para os jovens do jornal. Cada oficina durou um semestre letivo. Para o segundo semestre de 2007, está sendo planejada uma oficina de diagramação e fotografia.





## Referências bibliográficas

SILVA, José Borzachiello. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2ª Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Comunicação para Cidadania. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado na Universidade de Brasília-DF, de 6 a 9 de setembro de 2006. [CDRom].

ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado de pobreza**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.